

A REVISTA 'EM GUARDA' E A "REVOLUÇÃO DAS EXPECTATIVAS"¹ NO BRASIL PARA O PÓS-GUERRA (1939 – 1945).

Aline Vanessa Locastre / Doutoranda em História – UFPR
Orientador: Prof. Dr. Dennison de Oliveira

Palavras chave: História Política; Projeções; Revista Em Guarda.

Este trabalho fala de expectativas. Expectativas de um provável futuro promissor que o Brasil trilharia após aderir à política e aos programas oferecidos pelos Estados Unidos para o desenvolvimento de seu país. O historiador Frank McCann definiu tal processo como uma “Revolução das Expectativas” sobre este futuro brasileiro, que até a Segunda Guerra Mundial era totalmente dependente da indústria estrangeira. Como fazer com que os próprios brasileiros acreditassem em tal futuro? E como tal propaganda era feita? São questões pertinentes deste trabalho que atualmente vem sendo desenvolvido como tese de doutorado².

A ‘Revista Em Guarda’, publicação estadunidense vinculada ao Departamento de Segurança dos Estados Unidos da década de 1940, distribuída no Brasil com o objetivo de estreitar as relações entre tais países durante a chamada política da Boa Vizinhança, traz conteúdo imagético e textual importante para iniciarmos esta análise. Com mais de 15 artigos por edição, sendo cada edição mensal, ‘Em Guarda’ nos mostra que além de uma tentativa para mostrar a nação estadunidense como modelo moral, político e econômico a ser seguido, seu vizinho do sul, o Brasil, era retratado como um país de possibilidades reais para ascender no período pós guerra e assim, tornar-se em poucos anos uma potência regional.

Assim, neste artigo, serão mostrados alguns resultados ainda preliminares da pesquisa que mostra a visão dos editores da Revista “Em Guarda” em relação ao futuro

¹ Termo utilizado pelo historiador McCann, para definir as expectativas no futuro promissor do Brasil surgidas em meados da década de 1940. Ver: McCANN, Frank. **Aliança Brasil-Estados Unidos**, 1937-1945. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1995.

² Este trabalho faz parte da dissertação de mestrado da autora intitulado: “Projeção do Brasil para o pós-guerra: A ‘Boa vizinhança’ estadunidense no Brasil segundo a revista ‘Em Guarda’(1941-1945)”.

brasileiro para o contexto de pós-guerra, baseado na concepção de McCann sobre uma possível mudança nas Expectativas de brasileiros e estrangeiros sobre seu destino.

O mundo em armas e a realidade brasileira.

A Grande Depressão do sistema financeiro mundial em 1929, ocorrida inicialmente em *New York* e propagada velozmente para o mundo, expôs aos líderes das maiores potências capitalistas do planeta as insuficiências da organização do vigente sistema econômico propaladas pela teoria da autonomia comercial em relação ao Estado. Para socorrer as inúmeras empresas arruinadas do dia para a noite e conter a fome de milhares de desempregados que o *Crash* fez surgir, iniciou-se uma década de notável proteção alfandegária como medida preventiva do mercado doméstico. Os países mais vulneráveis economicamente, que eram explorados por nações dominantes ou que ainda não tinham estrutura para suprirem-se em bens manufaturados, ficaram à mercê das nações mais poderosas³.

Assim como os Estados Unidos, a Europa vivenciou uma debilidade econômica que afetou diretamente o Brasil, já que teve de reduzir a compra de determinados produtos, como o café, e impossibilitou a venda dos mais variados gêneros de produtos manufaturados, intensificando as crenças de que o desenvolvimento industrial do país americano não deveria tardar. Anos mais tarde, com a deflagração da Segunda Guerra Mundial, essas mesmas potências não comportavam, como antes, a produção requerida pela Guerra e pelos países que dependiam destes produtos. Ao mesmo tempo, os navios que exportavam tais artigos para levá-los aos seus clientes estrangeiros estavam sendo solicitados no transporte de armamentos e veículos bélicos, ou mesmo de suprimentos para tropas.

A presente guerra veio impulsionar o grande objetivo dos brasileiros, de se poder bastar a si mesmos, através da produção de tudo quanto pudesse satisfazer às necessidades do país, o mais vasto do Hemisfério⁴.

³ ALVES, Vagner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. História de um envolvimento forçado. Rio de Janeiro : Editora da Puc, 2002.

⁴ Revista EM GUARDA. *Nova York: Office of the Coordinator of the Inter American Affairs*. Ano 1, n. 10, p.11.

Moniz Bandeira ressalta que no período de 1929 a 1945, também houve pressões internas que advinham, em grande medida, das classes médias e elites urbanas, referentes a estes produtos industrializados que se encontravam em desfalque no mercado, havendo, sobremaneira, um real incentivo por parte das classes mais abastadas para o surgimento de um setor industrial produtor de bens de consumo⁵. Assim, a Grande Guerra e a Depressão de 1929 podem ser apontadas como eventos de grande valor para as mudanças ocorridas nos projetos iniciais de autonomia nacional pretendida pelo governo Vargas.

Para avaliar o peso que a interrupção parcial destes produtos causou à sociedade brasileira, pensemos em alguns estudos do historiador *Frank McCann*⁶ que expõe de maneira bastante clara o tamanho da dependência do Brasil em relação aos serviços oferecidos no exterior neste período. Desde o papel para a impressão de jornais e revistas, passando por petróleo, carvão, moinhos, cimento, cabos para telégrafos, serviços de esgoto, cinemas, eram administrados por companhias estrangeiras ou necessitavam de instrumentos estadunidense, franceses, canadenses e alemães, principalmente, para sua execução⁷. Para ter uma ideia da porcentagem do capital estrangeiro investido no país podemos considerar o ano de 1942, onde:

O Brasil era dependente economicamente da Europa e dos Estados Unidos, com capitais de investimento internacional totalizando 2.242.200,000 dólares norte-americanos. Desse montante, 48 por cento era inglês, 25 por cento norte-americano, 18 por cento canadense e 9 por cento de diversas outras fontes⁸.

Dotar o Brasil de complexos industriais suficientes para inseri-lo na concorrência capitalista e equipará-lo às grandes potências mundiais era, segundo Moniz Bandeira, interessante às Forças Armadas brasileiras. Para um eficaz programa de Segurança Nacional a autossuficiência em relação a alguns produtos como o petróleo ou mesmo a construção da Siderúrgica de Volta Redonda seriam significantes para projetar o Brasil em novos tempos e eficazmente manter sua defesa continental, uma vez que os produtos estrangeiros também

⁵ MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Brasil- Estados Unidos: a rivalidade emergente (1950 – 1988). 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 24.

⁶ McCANN, Frank. Op. Cit.

⁷ Idem, p. 297-299.

⁸ Ibidem, p. 297.

eram indispensáveis para o mover do Exército brasileiro⁹. O combustível para os navios da Marinha, aeronaves da FAB e veículos do Exército eram provenientes, praticamente em sua totalidade, da Inglaterra. Nenhuma diferença era verificada na origem desses veículos e armamentos, que também procediam do estrangeiro¹⁰.

Partindo do real incentivo à política voltada ao desenvolvimento das indústrias de base no país, a ‘ajuda’ financeira que o governo estadunidense dispôs ao maior país da América do Sul também foi crucial para tirar do papel a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e para a implementação de outros setores da economia. Para a demonstração desse crescimento, incluímos a tabela abaixo, que traz, segundo informações oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), alguns dos produtos industrializados no Brasil e os seus referidos valores para o PIB brasileiro, contidos entre os anos de 1939 a 1949:

VALOR DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL BRASILEIRA (Cr\$ 1 000)		
	1939	1949
Metalúrgica.....	488 562	4 468 989
Material elétrico e de comunicações.....	352 888	763 128
Couros e peles e produtos similares.....	108 763	626 963
Produtos farmacêuticos.....	175 364	1 335 787
Têxtil.....	1 412 628	9 358 541
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos...	310 194	2 034 443
Produtos alimentares.....	1 511 366	9 780 459

Tabela 3¹¹: Produção industrial do Brasil.

Em uma rápida verificação destes números, podemos perceber que no momento inicial da Segunda Guerra Mundial, os setores alimentícios e têxteis abrigavam os mais altos números de produção industrial do Brasil. Em anos consequentes, outros setores da economia

⁹ MONIZ BANDEIRA, Op. Cit. p. 62.

¹⁰ McCANN, op. Cit. p. 298.

¹¹ Estatísticas históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1988. 2. ed. rev. e atual. do v. 3 de Séries estatísticas retrospectivas. Rio de Janeiro: IBGE, 1990.

ganharam destaque, principalmente os de vestuário, metalurgia e produtos farmacêuticos. No entanto, mesmo com esse alavanque significativo dos manufaturados, no momento em que a Europa se colocava em armas contra o nazi-fascismo, o desenvolvimento que o Brasil experimentou não era ainda o suficiente para inseri-lo em um patamar de destaque a nível mundial. Como explicar as intenções dos Estados Unidos para com esse país, além da estratégia diplomática de mantê-lo afastado das políticas hitlerianas por meio da Política da Boa Vizinhança?

Para Alves, enquanto o governo totalitário hitleriano procurava se firmar no leste europeu, seus planos com o Brasil acabavam sendo datados, uma vez que pautava-se na troca de minerais e outros materiais estratégicos por meio do Comércio Compensado para fins bélicos. Já a antiga colônia inglesa da América tencionava firmar elos que perpassariam o conflito mundial da década de 1940, estabelecendo com o maior país da América do Sul mais do que simplesmente restritas negociações, “a adesão brasileira aos princípios liberais no comércio internacional, ainda que só formalmente, era pensada em termos da importância e influência regional do país”¹².

A essa tentativa de manter uma postura de hegemonia na parte sul americana pode ser agregada a importância adquirida pelo nosso país como fornecedor de materiais estratégicos, já que seu solo possuía e ainda possui riqueza imensurável de minerais e pela localização continental que este gozava para possíveis ofensivas desferidas ao norte da África. Desta maneira suas crescentes indústrias não poderiam ser apontadas como relevantes para o desfecho do conflito em favor dos Aliados, não justificando os olhares cada vez mais cobiçosos da Casa Branca para a adesão de Getúlio Vargas à sua luta.

A questão era que, se as relações com o Brasil não fossem firmadas o governo estadunidense poderia ser privado de inúmeros destes materiais considerados estratégicos para a produção de equipamentos para conflito, juntamente com a vulnerabilidade que a costa brasileira oferecia para uma provável invasão do continente, com vistas aos Estados Unidos. As bases aéreas requeridas no nordeste brasileiro principalmente a base de Natal, representa a importância que a localização do Brasil representava.

¹² ALVES, Vágner. Op. Cit. p. 53.

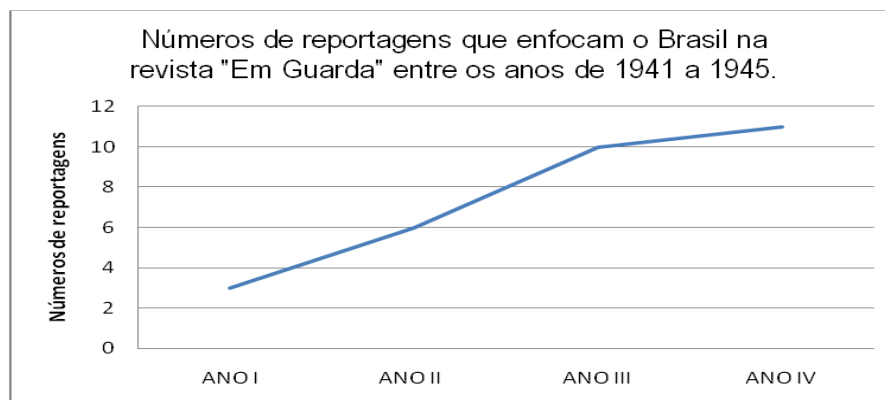
A necessidade da aliança com a antiga colônia portuguesa refletiu-se sobre a superioridade de reportagens que abordavam o país nos quatro anos da revista “Em Guarda”. Comparando com dois outros países, México e a Argentina, os artigos que versam sobre o Brasil são superiores em todos os anos de edição da revista (conforme o quadro 1). Percebemos que no decorrer dos anos, com a adesão à guerra do Brasil e do México ao lado das forças Aliadas, essa união vai sendo observada pelo aumento de reportagens na revista. Já a Argentina, que não rompe formalmente com a Alemanha, têm um mínimo espaço no corpo de reportagens.

Edições da revista “Em Guarda” ano a ano	BRASIL (Número de reportagens que enfocam esse país)	MÉXICO (Número de reportagens que enfocam esse país)	ARGENTINA (Número de reportagens que enfocam esse país)	TOTAL* (Número total de reportagens a cada ano)
ANO I (1941-1942)	3 (3.15%)	2 (2.10%)	1 (1.05%)	105 (100%)
ANO II (1942-1943)	6 (9.9%)	3 (4.95%)	0 (0%)	165 (100%)
ANO III (1943-1944)	10 (18%)	2 (3.6%)	0 (0%)	180 (100%)
ANO IV (1944-1945)	11 (18.15%)	4 (6.6%)	0 (0%)	165 (100%)

Tabela 4¹³: Reportagens sobre o Brasil, México e Argentina nas edições da revista “Em Guarda” (1941-1945).

Podemos fazer também um paralelo entre o aumento de artigos publicados com a oficialização da luta brasileira em prol da causa das Nações Unidas. A partir do ano de 1942 (quando Getúlio Vargas declara guerra ao Eixo) percebemos que as páginas da revista que enfocam o Brasil passam de 3% ao ano para 6, 10 e 11% respectivamente. Este crescimento ajuda-nos a refletir sobre a posição de ‘destaque’ do Brasil em relação aos outros países latino-americanos nesse esforço de guerra.

¹³ Quadro produzido pelos autores de acordo com dados da revista “Em Guarda” entre os anos de 1941 a 1945.

Gráfico 1¹⁴- Crescimento de reportagens sobre o Brasil na Em Guarda.

Em meio à necessidade crescente de tornar o Brasil mais independente em relação aos produtos industrializados, o governo estadunidense lançou programas para alavancar o país. Para tanto, além dos muitos profissionais do *Office Of Coordinator of the Inter-American Affairs*, que vieram para cuidar de questões midiáticas, educacionais, de saúde pública, desembarcaram em solo latino-americano alguns advogados, geólogos, economistas, engenheiros, técnicos em energia, metalurgia e transportes. Sobre liderança de *Morris Llewellyn Cooke*, antigo chefe da *Rural Electrification Administration*, a missão destes especialistas priorizava, segundo McCann:

1) Substituir as *commodities* americanas importadas por produtos brasileiros, de modo a poupar espaços de transporte; 2) reduzir a dependência da indústria brasileira de matérias-primas importadas através do desenvolvimento das disponíveis no país; 3) conservar e aperfeiçoar o sistema de transportes; 4) proporcionar ao Brasil a base para o crescimento a longo prazo¹⁵.

O discurso efetuado para a legitimação dos trabalhos da então conhecida ‘*Missão Cooke*’ foi o de estudar o Brasil profundamente, buscando no conhecimento detalhado de seu território, modos para desenvolvê-lo em todas as suas potencialidades. Entretanto, tal mapeamento alvoroçou muitos brasileiros, inclusive membros do próprio Estado Novo, entre

¹⁴ Gráfico produzido pela autora conforme dados da revista “Em Guarda” entre os anos de 1941 a 1945 contidos no acervo consultado.

¹⁵ McCaNN. Op. Cit. p. 299-300.

eles do ministro do exterior, Osvaldo Aranha, que acusavam os funcionários de *Washington* de estarem vasculhando o território, obtendo informações privilegiadas sobre o país¹⁶.

Um projeto para o Brasil

A solução para o crescimento do Brasil parecia depender do progresso das potencialidades, principalmente domésticas, que estavam basicamente sustentadas pela exploração dos recursos do solo e do subsolo e em sequência, ao aprimoramento da mão-de-obra que era encontrado em abundância. O interior do país, dessa maneira, passava a ser bastante promissor, ao mesmo tempo em que trazia grandes dificuldades, pois não possuía as condições necessárias para escoamento da produção e qualidade de vida para os futuros trabalhadores.

A inóspita região, a princípio, oferecia grande dificuldade para o escoamento dos minérios, uma vez que, por falta de estradas pavimentadas, eles eram feitos por linhas férreas rumando o porto da cidade de Vitória. Contando com as contribuições dos Estados Unidos, o cais deste porto estaria em expansão e modernização, para atender as demandas nacionais e internacionais. Entretanto, os projetos para o pós-guerra assentavam-se na possibilidade de escoar tais produtos “por terra e por mar”, acelerando a produção e gerando lucros mais rápidos para seu país.

(...) quando estiverem concluídas as obras no vale do Rio Doce, os vastos recursos do interior encontrarão rápida saída, por terra e por mar, para abastecer agora a indústria bélica dos aliados e, depois da guerra, as indústrias do mundo inteiro¹⁷.

Arelado à modernização desta indústria, estaria a provável melhoria da vida dos trabalhadores ou moradores circundantes, que careciam de boa saúde para perseverarem em seus trabalhos e residirem com mais motivação em territórios situados a muitos quilômetros das grandes metrópoles. A solução pauta-se, principalmente, na efetiva implantação de serviços sanitários que atenderiam às necessidades desta gente.

¹⁶ Idem, p.301.

¹⁷ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 3, n. 7, p. 37.

Assim, a siderúrgica só seria viável, segundo os discursos do governo Vargas, se fosse investido no trabalhador: “Para realizar o importante projeto de desenvolvimento extrativo no Vale do Rio Doce, o governo brasileiro considerou condição indispensável a manutenção e bôa saúde e do bem estar dos trabalhadores¹⁸”. Para colocar em prática audaciosa proposta, pois demandava grandes investimentos e tecnologias, a parceria Brasil e Estados Unidos fazia-se fundamental: “O Serviço Cooperativo Interamericano ficou incumbido de executar as medidas indicadas para a garantir o estado sanitário da região¹⁹”.

A promessa de uma habitação digna, juntamente com as expectativas de crescimento rápido do Brasil por meio da exploração de seus vastos e ricos recursos minerais, acompanhado da modernidade e conforto que tais empresas interioranas ofereceriam aos seus trabalhadores, tornava a propaganda impressa em ‘Em Guarda’ bastante tentadora para os milhares de famigerados dos confins brasileiros. As imagens abaixo retratam uma mina de ferro, com riqueza imensurável em minérios e uma futura e equiparada Vila de Operários da Vale do Rio Doce. Tais fotografias servem para contrastar os avanços que seriam verificados na inóspita região, com a efetiva ocupação e o avanço de tal espaço:



Imagem 29²⁰: Pedreiras no Vale do Rio Doce.

¹⁸ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, ano 3, n. 7, p. 36.

¹⁹ Idem. Ano 3, n. 7, p. 36.

²⁰ Ibidem. Ano 3, n. 7, p. 36



Legenda: Habitações baratas, assistência e saneamento são proporcionados aos trabalhadores nesta vila da região²¹.

Imagem 30 – Habitações na região do Vale do Rio Doce.

Uma outra siderúrgica, citada como mais importante que a Vale do Rio Doce, construída no vale do Paraíba, atraía promessas ainda mais positivas que a primeira citada. Na revista ‘Em Guarda’ consta que além do auxílio para o crescimento local, Volta Redonda poderia ser caracterizada como um marco do progresso do Brasil, pois tornaria o país autossuficiente em aço, tornando possível a existência de outras empresas. O alvoroço era disseminado a todos os brasileiros, fazendo com que “(...) milhares de operários ativam a conclusão da gigantesca usina de aço de que dará ao problema da siderurgia nacional a solução de grande futuro almejada por todos os brasileiros²²”.

²¹ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 3, n. 7, p. 37

²² Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 3, n. 3, p. 22 e 24.

Aliado aos discursos oficiais, os ânimos, com bastante razão, passavam a ser os melhores possíveis. Segundo o presidente Vargas “Volta Redonda será um marco da civilização brasileira, um exemplo tão convincente que afastará todas as dúvidas e apreensões acerca de seu futuro”. Prosseguindo em seu discurso, o que este complexo siderúrgico possibilitaria, seria uma mudança na própria história do país, marcada pela dependência estrangeira, pois instituiria no Brasil “um novo padrão de vida e um novo futuro, digno de suas potencialidades²³”.

Aos trabalhadores da usina, próspera também seria sua qualidade de vida, que seria brutalmente modificada, pela interferência positiva de Volta Redonda no PIB nacional. Na imagem abaixo, consta a ‘moderna’ vila operária de Santa Cecília, que possuiria “1600 casas de moradia, construídos de tijolos e concreto, de um cinema, de modernos hospitais, hotéis, igrejas e escolas²⁴”. Com capacidade para mais de 5000 operários e dotada de um aparato de saúde, educação e lazer verificados apenas em grandes metrópoles brasileiras da década de 1940, tal vila endossava as promessas de que mais indústrias como a de Volta Redonda seriam encontradas, em pouco tempo, por todo o território nacional.



²³ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 3, n. 3, p. 24.

²⁴ Idem, Ano 3, n. 3, p. 24.

Imagem 31²⁵: Vila Operária de Santa Cecília.

Para além das siderúrgicas, um advento notável estaria sendo percebido com a modernização e/ou instalação de indústrias do ramo têxtil e de sericicultura em várias outras regiões. Decorrente da crescente demanda por tecidos de seda, algodão, linho e lã, não apenas o mercado doméstico estimulava tal consumo, mas também, estes produtos ganhavam a simpatia no mercado internacional. Para mostrar quão promissora era a instalação de indústrias deste ramo no Brasil e de seu peso para tornar o país autossuficiente no que diz respeito ao vestuário, era citada o contentamento de seus compradores em solo estadunidense. Na foto abaixo, percebemos mulheres distintas, possivelmente pertencentes a setores mais abastados da sociedade estadunidense, escolhendo tecidos brasileiros para a confecção de suas roupas:



Legenda: Belas fazendas de sêda da indústria brasileira nos balcões de uma grande loja de modas da cidade de Nova York. A qualidade dos tecidos e variedade dos desenhos tornaram-nas mais apreciadas²⁶.

Imagem 32 – Mulheres distintas optando por tecidos do Brasil.

Os planos representados pelo periódico são que, no prazo de poucos anos este setor industrial conseguiria suprir um mercado interno em crescente expansão, tanto populacional

²⁵ Ibidem, Ano 3, n. 3, p. 24.

²⁶ Idem, Ano 4, n. 4, p. 15.

quanto material, enquanto a riqueza obtida com este negócio não encontraria comparativas em nenhum outro país²⁷. Os reflexos disto seria o de permitir aos brasileiros o usufruto de tecidos de qualidade, oriundos de seus próprios recursos, valorosos no exterior e responsável por cooptar lucros à sua própria nação. Assim, a dependência de décadas do Brasil aos produtos têxteis estrangeiros veria “o dia em que seus cidadãos poderão vestir-se exclusivamente com tecidos nacionais²⁸”.

Com a indústria de sericicultura as promessas não são nada diferentes. Sempre elevando o Brasil a uma categoria suprema no que condiz a qualidade do clima, solo e empenho governamental, a produção do bicho da seda também é aguardado como um dos grandes alavanches para o progresso industrial do ‘bom vizinho’ dos Estados Unidos. Apresentando a Segunda Guerra Mundial como motivadora deste empreendimento, a reportagem destaca as condições pré-existentes no solo brasileiro, para a total adequação da sericicultura. Assim, após a demanda ocorrida pela Guerra “(...) em várias nações do hemisfério têm havido a criação do sirgo com maior ou menor resultado; o Brasil, porém, possui mais acentuadamente os fatores essenciais para a criação dessa nova riqueza²⁹.”

Ao mesmo tempo em que os benefícios de tal cultura eram veementemente destacados, algumas preocupações surgiam referentes à fabricação de produtos sintéticos, que poderia causar preocupações acerca do verdadeiro sucesso da seda em mercado mundial. Entretanto, pelo olhar otimista dos editores de ‘Em Guarda’ o momento presente mostrava que tal indústria, dotada de modernos equipamentos e mão de obra empenhada, não decairia em um futuro distante.

O futuro da sêda brasileira, depois da guerra, com a renovada competição que se fará sentir de outras origens, e com o desenvolvimento das fibras sintéticas, ainda é, naturalmente, incerto. Mas seja qual for o resultado, os brasileiros podem contar com a sua nova indústria como um importante fator na industrialização do país e no valioso estímulo que veio dar ao comércio interamericano³⁰.

²⁷ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 4, n.4, p.15

²⁸ Idem, Ano 4, n. 4. P.14.

²⁹ Ibidem, Ano 4, n. 7, p.23.

³⁰ Revista EM GUARDA. Nova York: Office of the Coordinator of the Inter-American Affairs, Ano 4, n. 7, p. 27.

Desse modo, os grandes projetos econômicos citados pela 'Em Guarda' estão relacionados à construção da Usina de Volta Redonda, da Vale do Rio Doce e do prolongamento de indústrias têxteis e de sericicultura. Notável faz-se perceber que praticamente todas elas referem-se à devida exploração das riquezas previamente existentes no solo brasileiro e que até o momento da publicação da Revista ainda era importado para consumo nacional ou necessitava dos recursos estrangeiros para consolidar tal extração.

Conclusões

Neste contexto de especulações sobre as reais capacidades do nosso país de desenvolver-se em um curto espaço de tempo e tornar-se uma liderança econômica forte com proeminência mundial, utilizando-se das oportunidades oferecidas pela Segunda Grande Guerra, foi verificada, em significativas parcelas da população, uma enorme confiança no futuro brasileiro, considerado como uma 'Revolução de Expectativas'.

A 'revolução' tecnológica que a partir dos anos 1930 transcorria o território brasileiro, seria capaz, segundo os eufóricos da época, de transformar notadamente o país. A crença de que as bases para um progresso extraordinário seria verificado logo após o término da Guerra, levou muitos membros do governo Vargas a aderirem com otimismo às causas dos Aliados na Europa. Nesse sentido, estas 'projeções de Brasil' são resultantes diretas das expectativas no contexto da Aliança entre o Brasil e os Estados Unidos, juntamente com as próprias políticas de desenvolvimento varguista. A Revista 'Em Guarda' dá-nos algumas pistas de como, na mídia, essas aspirações eram publicadas para chegarem a um seletivo grupo de leitores.

Referências Bibliográficas

ALVES, Vagner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. História de um envolvimento forçado. Rio de Janeiro : Editora da Puc, 2002.

McCANN, Frank. **Aliança Brasil-Estados Unidos, 1937-1945**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1995.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **Brasil- Estados Unidos: a rivalidade emergente (1950 – 1988)**. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011

Revista EM GUARDA. *Nova York: Office of the Coordinator of the Inter American Affairs.*